

A Recepção de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, no *Jornal do Brasil*

Fabício Lemos da Costa*

Resumo

O presente estudo visa analisar, nas recepções críticas do romance *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, veiculadas no *Jornal do Brasil* (1956-1957), um dado fundamental: o estranhamento e o entusiasmo diante da novidade ficcional. Sobre esses aspectos literários verificados na impressão de primeiras leituras, lemos, nas imagens não-humanas utilizadas, a marca de um período de recepção da narrativa que é recuperada mesmo na crítica contemporânea – trata-se de frutos selvagens e águas bravias que se incorporam às leituras para melhor dizer o indomesticado da ficção rosiana. Para o comentário desses breves textos publicados no limitado espaço das colunas do jornal, valemo-nos do estudo de Silviano Santiago, crítica contemporânea da obra-prima de Rosa e que nos serve para pensar, além das imagens indomáveis, os traços domesticadores elaborados na crítica desse jornal.

Palavras-chave: *Grande sertão: veredas*; recepção crítica; *Jornal do Brasil*.

* Doutor em Letras - Estudos Literários - pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5578-8315>.

The Reception of *Grande sertão: veredas*, by Guimarães Rosa, in *Jornal do Brasil*

Abstract

This study aims to analyze, in the critical receptions of the novel *Grande sertão: veredas* (1956), by Guimarães Rosa, published in *Jornal do Brasil* (1956–1957), a fundamental element: the sense of estrangement and enthusiasm in the face of fictional innovation. Regarding these literary aspects observed in the impressions of early readings, we identify in the use of non-human imagery the hallmark of a particular reception period of the narrative, which continues to resonate even in contemporary criticism – wild fruits and untamed waters that become part of the readings to better express the untamable nature of Rosa's fiction. To comment on these brief texts published within the limited space of the newspaper columns, we draw on the study by Silviano Santiago, a contemporary critic of Rosa's masterpiece, whose work helps us consider, in addition to the untamable images, the domesticating traits developed in criticism from the same newspaper.

Keywords: *Grande sertão: veredas*; critical reception; *Jornal do Brasil*.

Recebido em: 11/06/2025 // Aceito em: 19/05/2026

1 Grande sertão: veredas nas páginas do *Jornal do Brasil*: quando o “monstro” mostra a face

Em 26 de fevereiro de 1956, o *Jornal do Brasil* (1956, p. 2), noticiou sobre o futuro romance a ser publicado por Guimarães Rosa naquele ano: “J. Guimarães Rosa já entregou ao editor José Olimpio seu romance ‘Grande serão, veredas’.¹ Do mesmo autor, já saiu o livro de novelas *Corpo de baile* em dois volumes”. Escolhemos o *Jornal do Brasil*, “fundado em abril de 1891 por Rodolfo de Souza Dantas e Joaquim Nabuco” (Ferreira, 1996, p. 144), porque o aparecimento de *Grande sertão: veredas*, em 1956, surge exatamente no período em que o *Jornal do Brasil* passava por um período de “reforma”. Esse momento é explicado por Marieta de Moraes Ferreira, em *A imprensa em transição*, no capítulo “A reforma do *Jornal do Brasil*”, em que a pesquisadora assinala:

Em 1956 começaram a se concretizar as primeiras manifestações mais visíveis de mudança. Surgiu nesse ano, criado por Reinaldo Jardim, o Suplemento Dominical, que começou misturando vários assuntos e depois se transformou num suplemento literário. Com essa iniciativa começava-se a resgatar uma antiga experiência do jornal, de abrigar intelectuais e promover debates acerca das questões culturais do país (Ferreira, 1996, p. 151).

A obra rosiana, nesse sentido, foi debatida nesse veículo de imprensa e, por conseguinte, divulgada para o público leitor do jornal. Poder-se-ia afirmar que o romance de Rosa chegou “esquentando” o cenário literário e o “reformado” jornal, sendo realizado publicamente nas páginas do suplemento. Nesse bojo, a

1 O título do romance é escrito dessa maneira na presente edição do jornal. Mantemos a escrita.

reforma do *Jornal do Brasil*, iniciada em 1956, refletia – espécie de porta voz – a movimentação da criação artística da época, a exemplo da Bossa Nova, e o espírito otimista concretizado na industrialização, na construção de Brasília – iniciada em 1956 – pelo governo JK. Nesse contexto, *Grande sertão: veredas* chegou em rompante, agitado, sendo logo percebido, afinal, sua genialidade era tamanha que não poderia ser ignorado – surgiu bagunçando o cânone, exigindo reflexão sobre o que significava o romance moderno brasileiro.

O “monumento” literário do autor de Cordisburgo, Minas Gerais, é um exemplo de novidade cultural que começa a despontar no meio artístico nacional, e o *Jornal do Brasil*, certamente, percebendo tal novidade, não deixou despercebido seu aparecimento. Sobre esse “espírito novo” trazido pelos ventos modernos dos anos de 1950, Ferreira (1996, p. 143) sublinha: “O espírito do novo, a vontade de mudança transcenderam as esferas econômica e política e contaminaram o campo das artes e da cultura. Importantes movimentos no campo artístico nasceram e/ou tomaram novo impulso na segunda metade da década de 50”.

Em termos de novidade, *Grande sertão: veredas* não se mostrou em nada “calmo”, ao contrário, “bagunçou” o que se encontrava “arrumado” e isto foi filtrado calorosamente pelos colunistas do *Jornal do Brasil*. Eis o que marca a “recepção” do romance nos suplementos do jornal. Vale lembrarmos que isto pelo qual estamos a discutir sobre a recepção do romance de Rosa tem a ver com as questões relacionadas ao chamado “horizonte de expectativa”,² ponto importante nas considerações das teorias

2 Conferir Jauss (1994, p. 31): “O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. [...] A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua aparição, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético”.

da Estética da Recepção³ – recepção integral, aqui, o sentido não de leitores abstratos, mas reais. Teoricamente, a Estética da Recepção tem como foco o leitor, o qual é “seguidamente marginalizado”, mas que é a “condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social”, conforme esclarece Regina Zilberman (2009, p. 11), em *Estética da recepção e a história da literatura*. Nesse caso, jogamos luz nesses leitores/colunistas do jornal, vendo neles anseios e questões de cunho social e cultural de uma época. No caso particular de *Grande sertão: veredas*, a forma – o caminho – como se leu o romance.

Se podemos falar de discussão calorosa em torno da obra do autor brasileiro, isto se justifica por uma certa quebra do que se compreendia como modernidade no romance brasileiro. No que diz respeito à história da literatura brasileira, não podemos perder de vista que a ficção nacional já tinha passado pelo chamado regionalismo,⁴ sendo que *Grande sertão: veredas* estava longe dessa expressão estética. Em se tratando de sua não compreensão imediata por parte da crítica, podemos dizer que tal questão se justifica pela distância entre a novidade rosiana e o movimento da década de 1930. O presente aspecto da obra rosiana foi explicado por Tristão de Ataíde (1983, p. 142-143), em “O transrealismo de G.R.”,⁵ publicado no *Jornal do Brasil*, em 30 de agosto de 1963, e, mais tarde, inserido no livro *Guimarães Rosa* (1983), organizado por Eduardo Coutinho. Ao apontar que os livros de Rosa revelam ser uma “floresta espessa”, “cheia de lianas, misturas e espantos”, o que faz muitos hesitarem, como se estivessem diante de uma “floresta

3 A Estética da Recepção surgiu a partir da década de 1960, na Universidade de Constança, Alemanha.

4 Somos conscientes de que o presente termo pode apresentar muitos problemas. Usamos tão somente para pensar um tipo de expressão literária já assimilada pela crítica especializada.

5 Acreditamos que o texto crítico foi publicado quando o maior espanto diante de *Grande sertão: veredas* já tinha passado, embora a obra sempre cause algum estranhamento.

virgem”, o crítico traça a diferença entre a “expressão estética” sertaneja rosiana e o regionalismo, este último já assimilado e amplamente debatido. Para ele, o escritor de *Sagarana* conjuga a qualidade literária de ser o “iniciador de recursos novos” e, sendo o “desbravador de caminhos”, fez emergir a difícil mistura entre o universal e o local, marca dessa ficção que surgiu imensa, para emprestarmos um termo de Ataíde, “transoceânica”. Em outros termos, compreende-se que a crítica não possuía suficientemente segurança – base ou modelo – para tecer um juízo estético sobre *Grande sertão: veredas*, pelo menos, num primeiro momento.

Resta-nos, assim, tentar compreender de que maneira esses leitores – colunistas do suplemento – transmitiram criticamente as suas percepções da narrativa para um público muito maior, os leitores do jornal. Como obra entranhada na realidade brasileira, em particular, o sertão, não podemos deixar de mencionar que o romance é de interesse dos suplementos literários, justamente pela sua força em marcar um particular e singular pensamento nacional. Da ênfase sobre o chamado “pensamento nacional” como valor incorporado pelos suplementos ao decorrer da modernidade, Alzira Alves de Abreu (1996, p. 17-18) discute, em “Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50”, no capítulo publicado em *A imprensa em transição*: “os jornais, e especialmente seus suplementos literários, cadernos de debates e/ou de ideias, abrigariam tanto a produção intelectual literária e cultural como a produção sobre o pensamento social brasileiro e as questões mais controversas que provocavam confrontos e conflitos no meio intelectual”.

Grande sertão: veredas, nesse sentido, provocou tais questões e ajudou a alimentar nossas singularidades nacionais, trazendo para o debate intelectual nossas ideias pela boca de

um ex-jagunço. Na edição de 15 de julho de 1956 (n. 162, p. 10), quando o romance já havia sido lançado, o *Jornal do Brasil* informa na coluna “Livros Novos”:

“GRANDE SERTÃO: VEREDAS” – Capa de Poty, trabalho da Livraria José Olympio Editora, “Grande sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, naturalmente nos leva a recordar “Corpo de Baile” e “Sagarana”, do mesmo autor. De fato: esses dois últimos livros constituem leitura preparatória de “Grande sertão: Veredas”, em cujas páginas sentimos a força do pensamento, o poder de observação psicológica, os recursos estilísticos de João Guimarães Rosa. Trata-se, com efeito, dum livro estranho e, ao mesmo tempo, consolador. Tem alto sentido dramático.

No breve texto, pode-se ler dados fundamentais que marcam o início da recepção desse romance que tão “barulho” fez na literatura brasileira. Ressaltemos o estranhamento em torno dele e sua força desestabilizante. Em 28 de julho de 1956 (n. 174, p. 8), *Grande sertão: veredas* é mencionado em “Notas Sociais”, texto assinado por Maria Eugênia Celso. A colunista diz sentir-se agradecida pela “oferta de livros”, dentre eles, a obra rosiana. Ela diz sobre Riobaldo, personagem “terrivelmente sertanejo no linguajar”: “Tem muita coisa curiosa no que ele conta, porque para nós da cidade, mesmo tendo como eu sangue mineiro nas veias, aqueles ‘sertões’ são um mundo totalmente desconhecido. Incompreensível, quase”. Fica claro, nessa recepção veiculada em contexto jornalístico, o dado concreto e não despercebido pelos leitores de “primeiras horas”: *Grande sertão: veredas* inaugura algo muito diferente nas nossas letras. Busquemos mais questões sobre tais diferenças. Antes, mencionemos um importante e requisitado leitor, Manuel Bandeira. Na edição de 12 de agosto de 1956, do *Jornal do Brasil* (1956, p. 5-6), o poeta moderno fala de *Grande sertão: veredas*:

Por mais que procure reduzir a minha biblioteca, não o consigo. Desfaço-me de dez volumes e entram vinte, trazidos por particulares, pelo correio, pelas agências aéreas. Entram pela porta e pela janela. A maioria pouco vale, é palha leve, basta estabelecer uma corrente de ar e eles entram por uma janela e saem pela outra. Mas há os que o vento não leva, os que reclamam nas estantes o lugar efetivo, catalogado, que merecem. Nestes últimos dias me tem chegado uma boa dúzia dessa alta categoria. [...] Guimarães Rosa ouvi dizer que inventou, em *Corpo de Baile* (dois grossos volumes) e *Grande Sertão: Veredas*, uma língua nova, que não é nem a portuguesa, nem a brasileira, nem a de Mário de Andrade.

As palavras de Bandeira, como se lê, emendam-se no “ouvi dizer”, isto é, de leitura ainda não concluída ou realizada, mas que carrega a certeza da qualidade. Saindo do campo do “ouvi dizer” e considerando as leituras concluídas e comentadas no “Suplemento Literário”, do *Jornal do Brasil* (1956, p. 2), a crítica de Assis Brasil, intitulada “Guimarães Rosa e a Literatura Brasileira”,⁶ é a primeira que sistematiza uma leitura mais bem consolidada:

João Guimarães Rosa surge qual “pororoca” na literatura brasileira. [...] Guimarães Rosa, com o romance “Grande Sertão: Veredas”, quebra definitivamente toda e qualquer ligação entre as formas de expressão lusitanas e brasileiras. Temos agora em “casa” algo completamente novo. Guimarães Rosa surgiu para tirar da “modorra” intelectual alguns escritores “bem postos” e de vida artística “arrumada” ou definida. E é natural que algumas opiniões (opiniões superficiais) sejam desfavoráveis ao grande livro do escritor mineiro. É que Guimarães Rosa se distancia dos demais autores brasileiros, em todos os setores onde podemos dissecar valores de uma obra de arte. Nossa História Literária pela primeira vez sente o impacto de um criador autêntico, que não respeita normas nem convenções.

6 A presente leitura crítica de Assis Brasil é a última análise de *Grande sertão: veredas* no *Jornal do Brasil*, em 1956.

Às favas os moldes e as “velas” por onde têm trilhado por vários anos os nossos ficcionistas que, na maioria, já nascem cansados ou ultrapassados. Nunca tivemos um João Guimarães Rosa. Daí a celeuma que vem causando a sua obra. Em particular o já consagrado “Grande Sertão: Veredas”. [...] O Romantismo, primeira escola de maior “feição” brasileira, que tinha por lema a valorização de nossos “assuntos”, estava longe ainda da “nacionalização” de nossas formas de expressão; ou melhor, era a novidade temática em contraste com a irre realidade linguística. Se esta estava sendo enriquecida por uma nova prosódia, afastava-se muito ainda de uma relação total com os temas propostos, reflexo de um caminho evolutivo lento para a nossa definitiva autonomia literária que, diga-se de passagem, alcançou o seu ponto mais alto com Guimarães Rosa.⁷

Frisemos a imagem da “pororoca” utilizada por Assis. Esse termo aparece inclusive no poema “Iara”, inserido no livro *Magma* (1936), de Guimarães Rosa. Tal como essa ferocidade natural, “o bicho feroz da pororoca” (Rosa, 2012, p. 24), onde se “solta seus diabos” (Rosa, 2012, p. 24), o romance rosiano, em sintonia com a leitura de Assis, é “bicho” brasileiro, desligado de matrizes que aprisionam a nossa literatura numa simples ideia de fonte e influência.

2 Possíveis diálogos entre as primeiras recepções de *Grande sertão: veredas* no *Jornal do Brasil* e a crítica contemporânea

Neste momento, é importante falarmos da fortuna crítica contemporânea de Rosa. Na mesma linha de Assis Brasil, citemos a crítica de Silviano Santiago. No livro *Genealogia da ferocidade: ensaio sobre Grande sertão: veredas*, de Guimarães

7 Ver esses argumentos, com mudanças textuais, também no seu livro *Guimarães Rosa: ensaio* (1969, p. 32-33).

Rosa, encontramos reflexões fundamentais sobre esse romance que nasceu com ânsia libertadora nas nossas letras: isto pelo selvagem e indomesticado.⁸ Sobre esse monumento “monstruoso”, Santiago (2017, p. 39-104) diz que

[...] não há como domesticar a qualidade selvagem da obra que transborda o tema e encharca luxuriosa, a palavrosa e belamente o cenário da epopeia, levando de roldão o narrador, o protagonista, os personagens e os leitores [...] O escrito quer preservar a fala selvagem do jagunço como intacta e autêntica. [...] O romance *Grande sertão: veredas* é monstruoso por *ser* – em toda a extensão do verbo.

Partindo da análise sobre importantes e conhecidas recepções do romance *Grande sertão: veredas*, vale a pena situar a crítica na esteira teórica. O estudo de Santiago (2017) envereda-se no bojo da desconstrução derridiana. Sobre essa forma de ler a narrativa rosiana, ele diz:

A desconstrução não visa a escorraçar do palco da arte a crítica especializada [...] Depois de mil e um protocolos de leitura, a desconstrução quer encarar o romance publicado, no caso *Grande sertão: veredas*, como o monstro que permanece selvagem, até mesmo quando adestrado por competentes e exímios treinadores. [...] A desconstrução é, em última análise, um projeto frontal e circunlunar de convivência conflitiva com o objeto literário somado à prole interpretativa que ele alimentou [...] a desconstrução descarta a imposição da imagem semelhante e alheia ao objeto em análise, ainda que a sobreposição possa ser considerada correta ou julgada feliz pela maioria dos pares ditos conservadores. [...] Ao levantar a lebre da domesticação, o desconstrutor começa a liberar o objeto das inúmeras sobrecapas

8 Um importante exemplo de potência selvagem de *Grande sertão: veredas* na contemporaneidade, leitura revestida em outras linguagens, é o caso do teatro de Bia Lessa. Na adaptação do romance, os atores, teatralmente, ao mesmo tempo em que são humanos, também “fazem os bichos, fazem o mundo mineral, vegetal” [...] “os atores” “viram pássaros, plantas, cactos”, ela comenta. Para ver a entrevista de Lessa, acesse o canal da *Companhia das Letras*, no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=2y2WquKeD9A>.

amistosas e redutoras. Algumas mais e outras menos felizes. Cada caso é um caso. [...] A carne de *Grande sertão: veredas* volta ao estado de crua e à condição de quase indigesta, mesmo depois de ter sido cozida em banho-maria pela melhor crítica. (Santiago, 2017, p. 96-98).

A selvageria da obra rosiana se confirma, poderíamos dizer, pelo menos no início de sua recepção, numa espécie de não saber com segurança do que se trata – é o estado de “carne crua”, de que fala Silviano. Mesmo gostando do livro, fala-se em estranhamento. Tal estranhamento pode ser visto inclusive em matéria corporal, como é o caso do selvagem-híbrido Hermógenes. No estudo, recorremos, muitas vezes, a Silviano Santiago e sua desconstrutora leitura de *Grande sertão: veredas*, no entanto, aqui, apontamos que a crítica de Assis Brasil, pouco tempo depois do lançamento do romance de Rosa, consegue visualizar pontos que lançam a narrativa do autor mineiro na chave da agitação sobre o lugar dessa obra na história da literatura nacional. Como ele afirma, o narrar riobaldiano chega numa pororoca, trazendo toda a conjuntura selvagem, agora em diálogo com Silviano (2017, p. 21), de um monumento literário que se apresenta “ribeirinho” e “encardido”. Encontra-se nesse aspecto, portanto, toda a carga de pensamento em torno de *Grande sertão: veredas*, porque ele surgiu para desfazer o apego ao passado canônico, incorporando, para isto, as nossas vocações selvagens e indomesticadas: na língua, nos costumes, em nossa visão de mundo social-filosófica etc. Eis a nossa estranheza-autônoma-criadora, que nos abre ao mundo, aos outros. Voltemos ao *Jornal do Brasil*. Anterior ao texto crítico de Assis Brasil, encontramos a publicação intitulada “‘Mesa Redonda’ sobre Guimarães Rosa”, no “Suplemento Dominical”, do *Jornal do Brasil* (1956,

p. 2). Na “mesa”, temos Sérgio Milliet, Vivaldo Coaracy e Luiz Martins. Começamos pelos apontamos de Milliet, que também lança a força do nosso pensamento na literatura rosiana, a nossa independência literária, por fim, proclamada:

Há livros que se gravam numa literatura e deixam esteira para sempre, assinalando uma revolução na língua e indicando um caminho a ser inevitavelmente seguido. Não são esses livros pioneiros, que vão surgindo, de tempos em tempos, compasso de espera, esquecidos por vezes, demorando e frutificando ocasionalmente. São os livros que realizam as tentativas anteriores e chegam na hora certa da mudança por todos aguardada. Não se volta mais atrás, então, e o que não lhe segue a rota apontada já nasce morto ou agonizante. Nessa luta pela renovação de nossa língua, nessa procura de um vocabulário e, principalmente, uma sintaxe mais adequada ao nosso sentir e pensar, há que lembrar os velhos regionalistas, tão tímidos ainda, que “aspeavam” em suas frases portuguesas as palavras colhidas nas bocas sertanejas. [...] Mas aparece Guimarães Rosa. A princípio se ensaiando com “Sagarana”. Admiráveis exercícios de estilo, a que se seguem os não menos brilhantes de “Corpo de baile”. Brilhantes? Há algo pejorativo no vocábulo: risquemo-lo. E digamos que, com “Corpo de baile”, alcança o autor a autenticidade que todos buscávamos. Mas com “Grande Sertão: Veredas” temos o grito de independência de nossa literatura. Depois deste livro será preciso reescrever a gramática do português do Brasil. É de se imaginar com assombro o que sairá dessas páginas milionárias de invenção e observação, de poesia e de psicologia. Nelas irá faiscar o escritor brasileiro do futuro, e as águas do manancial são inesgotáveis de pepitas de excelente quilate. “Grande Sertão: Veredas” é sem dúvida alguma, o nosso grande acontecimento literário e linguístico do século. [...] Um livro como “Grande Sertão: Veredas” escapa ao juízo da crítica. É uma obra que se impõe com seu feitio intocável, sua mensagem total. Há quem não goste de Rabelais ou quem não aprecie Camilo. Eles são o que são. Guimarães Rosa, igualmente, é o que é.

Novamente, nessa publicao do *Jornal do Brasil*, em formato de “mesa-redonda”, ressalta-se a originalidade rosiana, cujos argumentos crícos perfazem a fora dessa ficao que nasceu para ser universal, abundante, rica e agitada, como o Rio Amazonas, chave do nosso modo de ser brasileiro e latino-americano, livres. Ainda sobre esse trao incivilizável na “língua” de *Grande sertão: veredas*, enfatizemos o comentário de Vivaldo Coaracy. Os aspectos por ele levantados nos lembra Santiago (2017, p. 21):

É uma língua brava: é. Língua com *sabor de fruta do mato, dessas que a gente morde sentindo arrepiar-se o próprio esmalte dos dentes, mas que não pode deixar de chupar, como um cajá agreste*. Língua brava, *áspera e selvagem, brotando do chão com todo o vigor da terra*. Língua brava como é bravo o sertão. Língua brava onde vivem as memórias que a terra guarda: memórias dos suores que a banharam, do sangue que bebeu, dos sóis que a calcinaram, das águas que a lavaram, dos corpos que recebeu das matas que a vestiram, da gente que sobre ela matou e morreu, amou e odiou, dos homens que a abençoaram e a amaldiçoaram. Língua brava em que fala a voz da terra (grifos próprios).

Grande sertão: veredas é selvagem por ser natureza indomada. É esse direcionamento que lemos na crítica cunhada por caminhos inóspitos. Em Santiago, por exemplo, o elemento água tempestuosa ganha corpo em sua verve analítica. No comentário de Assis Brasil, como vimos, a pororoca amazônica abre os caminhos de sua análise. Em Milliet, as águas-minerais revestem a leitura da imagética da independência por demais esperada. E, em Coaracy, um mundo botânico se mostra vegetalmente para dizer o selvagem-agreste de uma terra que do chão brota a dureza em vigor e chamado. A botânica selvagem do romance, diríamos, pode ser a porta de entrada para a percepção

indomada dessa ficção, que se emenda no perigo de viver, na dificuldade para caminhar por corpos vegetais espinhosos, marcando a dureza do ambiente físico e que também é o do ser caminhante. Coaracy falou em “cajá agreste”, dita por essa língua “áspera e selvagem”, como esses vegetais, mas há muitos outros que brotaram no caminho daqueles jagunços. Citemos-los:

Eu que digo. Mesmo, não era só capim áspero, ou planta peluda como um gambá morto, o cabeça-de-frade pintarrôxa, um mandacarú que assustava. Ou o xique-xique espinharol, cobrejando com suas lagartonas, aquilo que, em chuvas, de flôr dói em branco. Ou cacto prêto, cacto azul, bicho luiz-cacheiro. Ah, não. Cavalos iam pisando no quipá, que até rebaixado, esgarço no chão, e começavam as folhagens – que eram urtigão e assa-peixe, e o neves, mas depois a tinta-dos-gentios de flôr belazul, que é o anil-trepador, e até essas sertaneja-assim e a maria-zipe, amarelas, pespingue de orvalhonas, e a sinhazinha, muito melindrosa flôr, que também guarda muito orvalho, orvalho pesa tanto: parece que as fôlhas vão murchar. E herva-curraleira.... E a quixabeira que dava quixabas. (Rosa, 1956, p. 498-499).

Nessas críticas, há fortemente um enveredamento por imagens não-humanas, cujo objetivo, naturalmente, é articular argumentos sobre o romance rosiano. Nas análises, a natureza selvagem serve de ânimo à nossa independência cultural. Emaranhadas nessa natura vivamente indomável – signos não-humanos –, tais leituras conseguem mostrar naquela recepção inicial o desarranjo que *Grande sertão: veredas* causou na literatura brasileira. Não se trata daquela natureza cor local e romântica, que, no entrosamento nacionalista-ufanista – típico do Romantismo –, tratou de independência cultural, mas muito presa ainda aos modelos europeus de produção artística. Para a leitura de *Grande sertão: veredas*, ao contrário, a natureza

selvagem não se contamina de nacionalismos idealizadores e mansos, antes, mostra pelos não-humanos a complexidade da cultura brasileira e seu desejo de autonomia. Da presença botânica, lembremos que a primeira edição trouxe uma cena visual, obra de Poty Lazzarotto, em que aparece um mundo vegetalmente carregado, compartilhado por humanos armados e rostos, demônio, animais e caveira. Assim, não podemos descartar tal impacto visual sobre tais leituras dos críticos, os quais podem ter lido nessas imagens um reforço da força não domesticada do romance:

Imagem 1 – Capa, contracapa e lombada da primeira edição de *Grande sertão: veredas*, produção artística de Poty Lazzarotto



Fonte: O Globo (2017).

Em relação à revolução que representou *Grande sertão: veredas* em dimensão latino-americana, Flávio Aguiar explica sobre essa “geração” de “corifeus”, conforme chama o crítico, da qual Rosa participa como artista e pensador. Para o estudioso, a revolução literária está ligada aos movimentos vanguardistas e à superação de alguns aspectos do regionalismo.

Dos questionamentos, chegou-se, segundo ele, a “uma grande revolução, de dimensões continentais, na ‘inteligência literária’ da América Latina” (Aguilar, 2013, p. 40). Apeguemo-nos a esse valor de originalidade “revolucionária”, questão já percebida por muitos leitores do romance, os quais publicaram “impressões de leituras” no *Jornal do Brasil* no mesmo ano da publicação da obra-prima, *corpus* deste estudo. Por exemplo, a respeito desse livro “quase impenetrável”, expressão de Haroldo Bruno, em “Romance e Novelas”, publicado no “Suplemento Dominical”, do *Jornal do Brasil* (1956, p. 1), diz o colunista ser uma obra que tem “importância estética muito mais significativa”, pois soube “incorporar à interpretação da nossa realidade as mais avançadas experiências verbais e técnicas, numa ruptura violenta de valores tradicionais”.

Assim, recebido com entusiasmo e assombro pelos críticos e colunistas do *Jornal do Brasil* nos primeiros meses após o lançamento, *Grande sertão: veredas* aparece monstruosamente, para usarmos a ideia/imagem de Santiago (2017), no cenário literário nacional, sendo os anos da década que foi lançado um momento-chave para a percepção do incômodo que causara, quando as peculiaridades dos velhos romances regionalistas dos anos de 1930 não davam conta de compreender a narrativa que surgia como “ondas” poderosas e em estrondo. Uma certeza, porém, sabia-se: *Grande sertão: veredas* surgira para permanecer, contestar um lugar na estante, como fala Manuel Bandeira, ou, ainda, como argumenta mais contemporaneamente Silviano, em “ferocidade”, ele brotou no solo da literatura brasileira mostrando-se “horrendo e grosso que sai do enclave selvagem” (Santiago, 2017, p. 25). Sua maneira “intempestiva” de manifestar-se na ficção brasileira tem a ver com a sua

“qualidade selvagem”, que, dito nas palavras de Silviano (2017, p. 19), é “autêntica, é originária e é universal, é literária e é filosófica, e domina”. Em seu interior, o romance empurrou com ele todo um manancial bruto-botânico-orgânico e seres misturados – cavalo-jiboia-cachorro grande, gente-fera, que, em “fogo feito feras, gritavam de onça e de uivado” (Rosa, 1956, p. 88). São esses seres infamiliars que submergiram, saíram para fora e revelaram um mundo não domesticado que desconcertou muitos críticos, sem dúvida. São seres que não escondem a “ferocidade” no humano, o seu lado animal – campo aberto –, e que deveriam servir de porta de entrada para mostrar o selvático de *Grande sertão: veredas*. No romance, uma natureza primitiva e capaz de ser sentida, caso os sentidos estejam atentos, reclama análises na sua beleza “selvagem”, no “cio da terra”,⁹ nos rios que passam por baixo dos nossos pés, na árvore que é toda sinal, na capacidade humana de virar outros e outros. Convoquemos esses chamados:

Quando a gente dorme, vira de tudo: vira pedras, vira flor. [...] O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme em sobre um rio? [...] O senhor escute o buritizal. E meu coração vem comigo. Agora, no que eu tive culpa e errei, o senhor vai me ouvir. (Rosa, 1956, p. 284-309).

3 A questão das críticas “domesticadoras”: o “pós-espanto”, a natureza e as matrizes ocidentalizantes

Esta é, pois, a abertura para que olhemos nos olhos do monstro *Grande sertão: veredas*, sem que queiramos colocá-lo em cativeiro. No entanto, a crítica tradicional, conforme é

9 Emprestamos a expressão da canção de Milton Nascimento e Chico Buarque (1976).

argumentado por Silviano Santiago (2017, p. 76-77), preferiu lentamente domesticá-lo, partindo de outras referências culturais já consagradas e canônicas: a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha – por Antonio Candido –, o romance *Doutor Fausto*, de Thomas Mann – por Roberto Schwarz –; ou, ainda, os romances de cavalaria do “universo das cruzadas medievais” (Santiago, 2017, p. 77) – por Cavalcanti Proença e mesmo por Candido. Não estamos a afirmar que a natureza foi desprezada totalmente nas leituras críticas de muitos estudiosos. Por outro lado, a cultura letrada ganhou grande espaço e, talvez, o buritizal não tenha sido escutado com afínco – ouvido humano no corpo vegetal. Ou, ainda, o ouvido do crítico tenha ficado longe da terra, mas os rios continuam a correr por debaixo. Um exemplo de natureza não totalmente desprezada na interpretação de *Grande sertão: veredas* é o estudo de Cavalcanti Proença (1958). Em *Trilhas no Grande sertão*, ele colocou o elemento natural como terceira parte no seu resumo, depois de pontuar as partes subjetivas e coletivas:

Aí estaria o resumo de *Grande sertão: veredas*, se uma trama de efabulação, levada a raro grau de virtuosismo não nos revelasse uma superposição de planos que poderíamos dividir em três partes numa tentativa de simplificar. A primeira, individual, subjetiva, que acabamos de resumir, antagonismo entre os elementos da alma humana; a segunda, coletiva, subjacente, influenciada pela literatura popular que faz do cangaceiro Riobaldo um símile de herói medievo, retirado de romance de Cavalaria e aculturado nos sertões do Brasil Central; a terceira, telúrica, mítica, em que os elementos naturais – sertão, vento, rio, buritis – se tornam personagens vivos e atuantes. É preciso, porém, ressaltar o artificialismo desta simplificação, pois que as várias camadas se interpenetram, não sendo possível delimitá-las, mas unicamente acentuar-lhes as características e conexões que nos permitem esta divisão genérica. (Proença, 1958, p. 162-163).

Continuemos junto à interpretação de Santiago. Ao dizer que o buriti emenda as forças da masculinidade naquele sertão bruto, ele explica: “no companheiro vegetal e também falocêntrico, o buriti, árvore tão bem trabalhada como símbolo da masculinidade do homem sertanejo” (Santiago, 2017, p. 31). Aliás, é na natureza mineral, animal e vegetal que o crítico situa o *wilderness* em *Grande sertão: veredas*, e é por onde escoam todos os selváticos traços informes desses seres que se enfrentam sertão adentro. São “sucessivas e infatigáveis figuras animais e humanas, árvores e vegetação, montes, despenhadeiros, grotas, rios, veredas, estratégias, hieróglifos etc.” (Santiago, 2017, p. 33). São por essas encruzilhadas, matas, cerrados, córregos e olho a olho no bicho que é possível pensar a “beleza selvagem que há no homem humano” (Santiago, 2017, p. 33). Nas primeiríssimas impressões de leituras de *Grande sertão: veredas*, detectamos tais forças naturais. Um dado nessas análises, comentários ou resenhas críticas não passa despercebida aos nossos olhos: nelas, não se vale da “domesticação” do romance, na égide dos argumentos de Silviano. Para falar da domesticação do monstro do autor de *Corpo de baile* (1956), via referência cultural oferecida por *Os sertões* (1902),¹⁰ de Euclides da Cunha, por Antonio Candido, o estudioso derridiano expõe as formas do aprisionamento:

A primeira atitude de quem laça um animal selvagem no campo aberto e o adentra no curral da fazenda é a de procurar e descobrir, ou de inventar, um novo ambiente de vida que venha a lhe satisfazer as necessidades vitais e lhe ser agradável aos sentidos, ambiente em que o animal chegue a se locomover com a antiga desenvoltura

10 Lembremos de Assis Brasil. O crítico diz ser *Grande sertão: veredas* um objeto cultural de “casa”, em termos de novidade. E é justamente com outra obra de “casa” – *Os sertões* – que Santiago argumenta ser o início da domesticação do romance rosiano. Eis a questão lançada, o embate da interpretação da obra em pleno acontecimento.

e graça, *quase* como se não tivesse sido retirado pelo amansador do habitat originário. [...] Envelopar a potência selvagem do texto fluvial de Rosa, enroupar a robustez agreste dos personagens e dar tento e direção à ambiguidade linguística são atitudes performáticas típicas de todo adestrador. [...] A leitura de Antonio Candido deixa-se guiar mais pela semântica do *decidível* do que pela do *indecidível*, que é a única a gerar ambiguidades e a preservá-las em estado originário – o do *cálculo* da natureza. (Santiago, 2017, p. 35-40, grifos do autor).

Quanto ao início da “domesticação” do “monstro” no *Jornal do Brasil*, vemos, no ano seguinte ao do lançamento da obra, a crítica se aparelhando a suas armaduras de capturar seres informes, agitados e inclassificáveis. É mister olhar com atenção o momento exato da captura – quando o primeiro leitor espantado pisa em veredas úmidas, sem apoio para ficar de pé, e quando se iniciam as bases para tornar aquele mundo rosiano em terreno “decidível”, preso nas amarras de pilares/comparação/referência de outras histórias ficcionais já introjetadas no cânone nacional ou estrangeiro, as obras de “casa” e de “fora”. Em sintonia com a tese de Silviano, lemos, em “Primeira Notícia de *Grande sertão: veredas*”, de Benedito Nunes, texto crítico publicado no “Suplemento Dominical”, do *Jornal do Brasil* (1957, p. 2), um exemplo dessa empreitada domesticadora pela tradição. O filósofo paraense que nasceu tão próximo das águas barrentas e das pororocas, cita *Os sertões*, *Macunaima* e os romances de gesta. Do primeiro, ele aponta a semelhança descritiva da paisagem:

O romance e, na sucessão de seus episódios, a história dos bandos de jagunços que, sob a chefia de “brabos” valorosos, pisaram a região dos “gerais”, terra sertaneja entre Minas, Bahia e Goiás, que Euclides da Cunha, em poucas palavras descreveu, como formada de vastas planuras, paragem formosíssima.

Da comparação com *Macunaíma*, o estudioso vai mais longe. Utiliza-se da ficção de Mário de Andrade para tratar da invenção da linguagem rosiana e sua vontade de arranhar a tradição canônica. Ele assinala: “tanto nessa obra como na de Guimarães Rosa, a linguagem desarvorada, rebelde aos cânones preestabelecidos, corresponde a uma necessidade de expressão”. Ao ler *Grande sertão: veredas* em diálogo com a literatura clássica do ocidente, volta-se à tradição para demonstrar que, na narrativa do autor de *Primeiras estórias* (1962), vemos irromper “os grandes problemas humanos”. Reveste Riobaldo, para isto, de cultura letrada:

Riobaldo que teve algumas letras, possui o senso inato da poesia. Mas é um temperamento místico, cuja ideia era fundar, nos “gerais”, uma grande cidade religiosa, onde se irmanassem todos os homens, para viver em paz, resguardados de mal. Na Idade Média seria cavaleiro andante; nos “gerais”, foi jagunço. Mas esse romance não constitui apenas a gesta do sertão. É – se podemos dizer – uma interpretação espiritual da terra e do povo que nela vive. Os fatores mesológicos, sociais, históricos assumem a forma de um problema mais amplo e vago, universal e de sentido místico. (Nunes, 1957, p. 2).

Vemos lançadas as bases, como se lê no fragmento crítico nunesiano, a inserção de Riobaldo em matrizes antigas, que, num heroísmo às avessas, põe como fundamento a questão humana, mística, religiosa. Depois de Nunes, não podemos deixar de mencionar a crônica “Grande Sertão: Veredas” (João Guimarães Rosa),¹¹ de Paulo Mendes Campos, lançada pela revista *Manchete*, n. 234, de 13 de outubro de 1956. Trata-se de uma recepção artística de *Grande sertão: veredas*, cujas

11 A presente crônica foi publicada na contracapa e na segunda “orelha” da primeira edição do livro *Ave, palavra* (1970), de Guimarães Rosa.

culturas humanas antigas são rememoradas como referência. No entanto, o cronista não esquece da natureza primitiva. É como se o romance rosiano carregasse a História e as culturas da humanidade nas costas, assim como tudo que é vivo:

Esse livro repete a parábola da vida humana sobre a terra e *nos molha no frescor das primitivas vegetações terrestres* até aclarar-nos ou ofuscar-nos em definitivas indagações da consciência; porque os homens são um único homem, e um único homem são todos os homens; porque Riobaldo esteve na Grécia, no castelo que preparava a guerra santa, na grande revolução libertária, no sertão de Minas entre os jagunços, e Riobaldo está a meu lado; porque a metafísica de Riobaldo percorre os tempos do mundo de ponta a ponta; porque Riobaldo é a ação que se contempla e o *pensamento que sai armado cavaleiro*; porque a invenção desse livro é constante como os movimentos da natureza e as inquietações do pensamento [...]; porque essa obra de arte, generosa como a fertilidade do solo, indo não sei onde, onde quer que o espírito a leve [...]; porque Riobaldo viu, ouviu, cheirou, provou da terra e dos corações [...] eu o louvo com modéstia e espanto. (Campos, 1956, p. 45, grifos próprios).

Na leitura de Campos, percebe-se uma certa visão indomável sobre o *Grande sertão: veredas*, porque esse romance não se prende num tempo. Antes, passa por muitos, não se fixando. É o que vemos conscientemente na abordagem do cronista. Não sendo prisioneiro de nenhuma referência ou matriz cultural, carrega a força do espanto das primeiras horas, de quando surge da terra, de dentro dela. Em 1956, Campos tem consciência dos muitos tempos que a narrativa de Riobaldo carrega. No entanto, sabe que todo esse contar provém da carga mais primitiva daquele chão, afinal, como diz Santiago (2017, p. 11), *Grande sertão: veredas* é um “objeto estético insólito, uma pedra-lascada, e não uma pilastra em concreto armado, geometricamente perfeita”.

Em se tratando de leitura pelo viés comparativo das gestas medievais, é conhecida a análise de *Grande sertão: veredas* por Antonio Candido, realizada em “O sertão e o mundo”, publicada na *Revista Diálogo*, n. 8, em novembro de 1957. Ao tratar de “O homem”, visto como um dos “elementos estruturais” (Candido, 1957, p. 6) do romance rosiano, ao lado de “a terra” e “a luta”, Candido traça a sua leitura medieval da obra, desse “Sertão-enquanto-Mundo”:

Sobre o fato concreto da jagunçagem, elabora-se na verdade um romance de Cavalaria, e a unidade profunda do livro se realiza quando a ação lendária é fundida no espaço mágico.

Nos dias em que foi lançado *Grande Sertão: Veredas*, José Geraldo Vieira, com a habitual acuidade, me chamou a atenção para essa *genealogia medieval*,¹² objeto mais tarde, segundo me informaram, de um artigo de Franklin de Oliveira, que não pude obter.

A sugestão do autor d’*A Quadragésima Porta* me esclareceu de repente a lógica do livro, levando-me a investigar os elementos utilizados para transcender a realidade do banditismo político, que aparece então como avatar sertanejo da Cavalaria.

[...]

O comportamento dos jagunços não segue o padrão ideal dos poemas e romances de Cavalaria, mas obedece à sua norma fundamental, a lealdade, e não há dúvida que também para eles a carreira das armas tem significado algo transcendente, de obediência a uma espécie de dever; no melhor dos casos, o senso de serviço, que é o próprio fundamento da Cavalaria. (Candido, 1957, p. 11-12, grifos próprios).

Ainda sobre a referência medieval, Cavalcanti Proença (1958), em *Trilhas no Grande sertão*, também se volta à

12 Em contra-leitura, Silviano Santiago vai utilizar justamente o termo “genealogia” para tecer a sua leitura selvagem de *Grande sertão: veredas*.

comparação entre o sertão e a Idade Média. A crítica está com todas as armaduras no corpo, pronta a cavalgar para laçar o bicho-misturado-rosiano. Santiago (2017, p. 77) diz que Roberto Schwarz e Cavalcanti Proença,¹³ ao se valerem do “universo das cruzadas medievais e do romance de cavalaria”, abrem uma das portas para a domesticação de *Grande sertão: veredas* pela “cultura europeia”. No que diz respeito aos romances de gesta, Silviano esqueceu da domesticação feita por Nunes – breve, claro, mas domesticação – no *Jornal do Brasil* (1957). Do ponto de vista da domesticação, trata-se, em grau, de um amansar da fera numa perspectiva muito mais ampla e pública, afinal, o jornal passava por muitos leitores, os mais diversos. Enquanto, por exemplo, a revista *Diálogo* (1957), em que foi publicado o estudo de Candido, ficou muito mais restrita aos círculos de intelectuais. Sobre a recorrência às narrativas medievais e outras, ele ainda conclui:

Portanto, a ideia de recorrer a mito medieval para compreender a inserção da arte brasileira no Ocidente é herança da nossa estética neoclássica ou romântica, em que pese seu alto valor analítico e histórico. [...] Não digo, claro, que o romancista Guimarães Rosa não teria tomado como referência temática o mito de origem germânico.¹⁴ Sua erudição o leva a tal e tanto, e até a mais. Sou muitas coisas, menos xenófobo e totalmente a favor dos estudos em literatura comparada, desde que

13 Santiago (2017, p. 102) diz que a leitura comparativa entre os romances de cavalaria e *Grande sertão: veredas* foi feita “inicialmente por Cavalcanti Proença”. Porém, Benedito Nunes, insistimos, já tinha mencionado os tais romances de gesta ao tecer suas primeiras notícias da obra rosiana, em 1957.

14 Recomendamos a entrevista de Guimarães Rosa, concedida a um canal de televisão de Berlim (1962). Nela, o autor de *Estas estórias* (1969) comenta que *Grande sertão: veredas* tem “um fundo telúrico, real...e aí, passa-se uma história com transcendência que visa até o metafísico. Seria *quase* uma ‘espécie de um fausto sertanejo’”. (grifo próprio). Na nossa visão, o “quase” de Rosa mistura tudo. Talvez, a comparação Riobaldo-Fausto sirva para melhor situar o entrevistador estrangeiro. Ou, ainda, Rosa se vale das tramas da crítica brasileira, que já havia feito a comparação. Destaca-se, ainda, que, depois do entrevistador comentar que “essa forma de monólogo interior é muito moderna, transposta para um ambiente muito concreto e realista”, o autor acrescenta a expressão “o primitivo”, duas vezes repetida e pronunciada com um discreto sorriso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68>. Acesso em: 14 mai. 2025.

desprovidos das categorias e estratégias etnocêntricas tidas como verdadeiras e não meramente conjunturais. [...] Salientem-se, ainda, detalhes da retórica da ficção de Guimarães Rosa. Se o autor, Rosa, e o pseudonarrador anônimo são instruídos no áspero da cultura ocidental, o narrador/protagonista, Riobaldo, tem pouco estudo formal e muito conhecimento da semântica do enclave arcaico, e a graça maior do monstro *Grande sertão: veredas* está em ter querido ir além da grande divisão entre erudito e popular. (Santiago, 2017, p. 80).

Nessa égide, a passagem do susto quando o romance aparece ao processo de domesticação dá-se poucos meses depois. O *Jornal do Brasil*, de acordo com a perspectiva aqui defendida, traduz e é prova dessa passagem selvagem à tentativa de “domesticação”. Entretanto, estamos de acordo com Santiago: não é fácil domá-lo, requereria grandes correntes e fortes cadeados. A obra é lisa e as veredas úmidas. Tudo é mistura e “indecidível”. Misturados e em zonas fluviais,¹⁵ a força selvática do romance rosiano dá-se justamente ao se mostrar “ribeirinho e verde, barrento e encardido, anárquico e selvagem” (Santiago, 2017, p. 21). Ainda estamos ligados à imagem não-humana – de movimentos de águas que levam fragmentos de matéria, pedaços de seres, para todos os lados, em desordem. Ora, olhemos mais de perto o desenho de Poty, o qual mais parece seres flutuando ao vento carregado de verde e verdes – um cerrado todo feito de folhas de buritizal para camuflar e facilitar as lutas dos jagunços, mas sem esquecer das aproximações não-humanas, porque, no fundo, tudo faz parte de um mesmo terreno bruto. Sobre esse vasto verde, conforme a visão de Riobaldo, diz-se:

15 Lembremos que *Grande sertão: veredas* começa em pleno rio e se derrama como “água fluvial a se entranhar por todos os poros da terra” e “enobrece o verde da vegetação” (Santiago, 2017, p. 41).

Me deu saudade de algum buritizal, na ida duma vereda em capim tem-te que verde, térmo da chapada. Saudades, dessas que respondem ao vento; saudade dos Gerais. O senhor vê: o remôo do vento nas palmas dos buritis todos, quando é ameaço de tempestade. Alguém esquece isso: *O vento é verde*. Aí, no intervalo, o senhor pega o silêncio põe no colo. *Eu sou donde eu nasci*. Sou de outros lugares. (Rosa, 1956, p. 286, grifos próprios).

“O vento é verde”. Diríamos, Riobaldo é de vento-verde e buriti e silêncio. Para ele, convergem os elementos naturais do lugar do nascimento, participando de tantos outros mundos-lugares. Esse é o caráter selvagem do ex-jagunço: sua indomesticidade, seu modo liso de ser, como aquelas bandas do “liso do Sussuarão”, “fundo e largo” (Rosa, 1956, p. 495). Para a História da Literatura, *Grande sertão: veredas* chegou como tempestade, balançando com violência a tradição já muito arrumada, aspecto bem argumentado por Silviano Santiago e Assis Brasil. Dessa maneira, se este último convocou a pororoca para manifestar-dizer a recente ficção lançada, assim como Vivaldo Coaracy lembrou dos frutos e matos para expressar imageticamente sua leitura, e Santiago fez do rio o ponto nodal do “enclave” monstruoso da narrativa, assinalamos também ser o vento a força capaz de revelar o tom, a selvageria e a vontade de derrubar aquela mansidão que estava instalada na literatura nacional naqueles anos de 1950. Para falar dessa tranquilidade, Silviano (2017, p. 24) menciona a imagem do “trenzinho caipira da literatura brasileira” – tempo de bossa nova e empolgação com a criação de Brasília. Do estudo de Santiago, é importante trazermos as considerações sobre a recepção do romance – das impressões negativas e positivas, em que Rosa se vê num campo de batalha do “juízo de gosto”. Santiago (2017, p. 13-18) diz ser ele um “romancista solitário, relativamente desconhecido tanto

na imprensa tradicional quanto na emergente imprensa nanica”. Não participando de grupos, como os “poetas da Geração de 45”, teve que lidar sozinho e “enfrentar corajosamente a primeira e pouco auspiciosa recepção que lhe é dada”. No caso do *Jornal do Brasil*, segundo já comentamos, vemos uma recepção favorável àquela novidade surgida, entretanto, considerando que o “Suplemento Dominical” já existia desde 1956,¹⁶ nos anos que procederam ao lançamento de *Grande sertão: veredas*, não tivemos no mencionado veículo de comunicação muitas leituras críticas naquele mesmo ano. Assis Brasil, no livro *Guimarães Rosa: ensaio*, publicado em 1969, estudo que se utilizou das análises que publicou no *Jornal do Brasil*, inclusive, fala sobre o desconcerto da crítica perante a narrativa:

A crítica literária, comumente desaparelhada, sofreu um impacto em 1956, quando João Guimarães Rosa publicou o romance *Grande Sertão: Veredas*. Aqui começa, realmente, a nova ficção brasileira. [...] O Sintoma mais flagrante do revigoramento do romance brasileiro, a partir e em torno daquela data, foi a mudança, quase que radical, de nossos métodos de aferição crítica (Brasil, 1969, p. 17-19).

Poder-se-ia dizer que o surgimento de *Grande sertão: veredas* levou a crítica a mudar ou consolidar um novo juízo estético. Por exemplo, o autor Fernando Sabino, em um texto publicado no “Suplemento Dominical”, do *Jornal do Brasil* (1957, p. 2), diz:

O romance brasileiro começou com Guimarães Rosa. Considero “Grande Sertão – Veredas”¹⁷ o primeiro grande romance nacional – naturalmente se levarmos em conta que antes dele Machado de Assis foi o nosso

16 Conferir Abreu (1996, p. 20).

17 Preservamos a escrita do título do romance rosiano por Fernando Sabino.

primeiro grande escritor. Vou mais longe: a opinião sobre esse monumento moderno de nossa literatura serve para mim de padrão de julgamento.

Considerando que citamos Fenando Sabino, escritor que ficara muito conhecido pelo livro *O encontro marcado* (1956), para tratar da recepção entre escritores, lembremos um outro artista que leu *Grande sertão: veredas*, mas não demonstrou simpatia pelo livro. Estamos a falar de Ferreira Gullar, citado por Santiago, em *Genealogia da ferocidade*: “Li 70 páginas de *Grande sertão: veredas*. Não pude ir adiante. A essa altura o livro começou a parecer-me uma história de cangaço contada para os linguistas. Parei, mas também sempre fui péssimo leitor de ficção” (Gullar *apud* Santiago, 2017, p. 19). Continuemos no terreno dos leitores-ficcionistas. É conhecida a opinião de Clarice Lispector sobre *Grande sertão: veredas*. Em carta remetida de Washington ao ficcionista Fernando Sabino, em 11 de dezembro de 1956, ela comenta: “Nunca vi coisa assim! É a coisa mais linda dos últimos tempos. Não sei até onde vai o poder inventivo dele, ultrapassa o limite imaginável. Estou até tola. [...] O livro está me dando uma reconciliação com tudo, me explicando coisas adivinhadas, enriquecendo tudo” (Sabino; Lispector, 2011, p. 169).

Mostrar a “reconciliação com tudo”, acrescentemos, tem relação com aquilo que escreve Luiz Martins, no *Jornal do Brasil*, naquela mesma “mesa redonda” já mencionada. Ele lembra como o conteúdo do ex-jagunço flui num ambiente de águas e folhas e silêncios: “tudo desliza numa facilidade mansa de córrego entre folhagens, murmúrio de solilóquio em tarde de silêncio, voz cansada de um velho que relembra com simplicidade as grandes saudades de sua vida”. Nas recepções

postas nas páginas do *Jornal do Brasil*, a natura evocada nessa obra rosiana tão vegetal, animal, mineral e primitiva é resgatada em forma de leitura crítica, e, talvez, esses mesmos elementos eco-poéticos do romance tenham impressionado Clarice Lispector, que também é tão ligada aos infamiliars não-humanos e à língua portuguesa, que, para a autora, ainda “borbulha” (Lispector, 2005, p. 106) em novidade. Sobre essa língua viva-nova-primitiva-rosiana, diz Assis Brasil, em “Guimarães Rosa e a literatura brasileira”, publicado no “Suplemento Dominical”, do *Jornal do Brasil* (1957, p. 2), tratar-se de uma “linguagem do sertanejo, virgem ainda de influências externas”. Sobre essa mesma língua, Santiago (2017, p. 90) aponta: “beleza selvagem da língua portuguesa falada no Brasil e sertaneja”. Mais uma vez, lembramos de Vivaldo Coaracy para ligarmos as visões selvagens da língua rosiana.

É diante dessa língua que se revela, sem dúvida, o assombro, a felicidade e a “tolice” da leitora Clarice naquele ano de 1956. *Grande sertão: veredas* promove fascínio, vicia, como sugerem as palavras de Bandeira, na sua coluna do *Jornal do Brasil* (1957, p. 5): “os leitores me desculpem, mas hoje em dia, a propósito de certas situações, só sei falar no estilo de *Grande sertão: veredas*”. Embora mencionemos o ano de 1957, e poderíamos ter citado outros anos ao longo da década de 1950, quando surgiu no *Jornal do Brasil* várias leituras críticas, preferimos olhar o “monstro” no momento em que colocou a primeira parte do corpo para fora: é quando os ânimos críticos se revelam mais surpreendidos, pois são pegos de supetão – sem terem tido tempo para armar o corpo e o cavalo com as armaduras da tradição. Até, aos poucos, acontecer a “lenta domesticação do selvagem” (Santiago, 2017, p. 35). Será? Queiramos que não, que, nas

veredas úmidas, os “Ritmos Selvagens” sejam sempre vivos; e que as terras do sertão “que carecem de fechos” (Rosa, 1956, p. 9) lancem seu destino bronco e sempre pronto para assustar “missionários” da crítica bem segura de capturar e possuir o monstro rosiano. Desejemos que o *Grande sertão: veredas* continue a levantar ondas barulhentas de pororoca e que ele se incorpore das misturas, meio homem, meio bicho, como aquela Iara de *Magma*, “sangue de mulher moça da terra vermelha,/ carne de peixe da água gorda do rio.../Iara de olhos verdes de muiiraquitã,/ cintura para cima cunhantã, /cintura pra baixo tucunaré...” (Rosa, 212, p. 23-24). Ora, que Diadorim continue sendo sereia, silenciosa e lisa, neblina total, “jaguarado” (Rosa, 1956, p. 429), sob o nosso olhar. Aliás, sobre essa personagem, Manuel Bandeira “preferia Diadorim homem até o fim”, segundo diz em conhecida resenha crítica, publicada no *Jornal do Brasil* (1957, p. 5). Da nossa parte, queremos-la mais que mulher: que ela seja lisa e sereia, e, quem sabe, Iara e jaguar, banhando-se em água barrenta e colocando, de vez em quando, a cabeça para fora. Esse é o mundo do sertão rosiano, potencialmente misturado, afinal, conforme aponta Mônica Meyer (2008, p. 26), em *Ser-tão natureza: a natureza de Guimarães Rosa*, “a natureza do homem e a natureza dos outros elementos que compõe o mundo natural se entrelaçam e as mudanças vão se processando simultaneamente”. Sobre o entrosamento de Rosa com a natureza, Meyer (2008, p. 29) ainda afirma:

A paixão de Guimarães Rosa pelo mundo natural salta das páginas com muitas citações e descrições de plantas, bichos, rios, morros, lugares, pessoas, auroras, crepúsculos... O espaço é esquadrinhado em quatro dimensões ligando os elementos do céu, da água, da terra e do fogo. De imediato, percebe-se um

Guimarães Rosa naturalista, dono de uma forma poética única de expressar a natureza, que foge das chaves de classificação, frias e herméticas, adotadas na biologia.

Por fim, a natureza continua a cumprir as suas chamadas em *Grande sertão: veredas*. Ela está intacta. E, por meio dela, podemos renovar o nosso espanto diante dessa narrativa que se encontra entranhada num Cerrado, bioma de muitos milhões de anos. É nessa antiguidade, a nosso ver, que se guardam as potentes misturas dos seres, em que, na imaginação, é possível transformar-se em flor, pedra, jaguar, cavalo bravo. Renovemos, então, essa ligação do romance com a terra e, para isto, não tenhamos receio de voltar às leituras espantadas – de quando as primeiras linhas escritas sobre o narrar de Riobaldo foram, sem dúvida, enredadas em olhos “arregalados” de tanta surpresa. Não esqueçamos, o *Jornal do Brasil* é prova escrita e material desse espanto – de quando o “monstro” sai do rio ainda molhado e nu, e quando ele passa a ser vestido com roupas à moda brasileira – já bem assimilada pela crítica – ou europeia. Mas somos dos trópicos. Por aqui, é sempre uma manhã de sol, propícia para o monstro tirar a roupa, voltando ao momento em que chegou.

Considerações finais

Entre Minas, Goiás e Bahia, a natureza rosiana não se intimida. Desejando mostrar-se percebida nos detalhes do contar do ex-jagunço Riobaldo, ela se permite entrosada, e vice-versa, com os eventos narrados. No presente estudo, voltamos aos não-humanos de *Grande sertão: veredas*, citados nas primeiras leituras do romance nas páginas do *Jornal do Brasil*. Para isto, elegemos textos da recepção que se mostraram leituras

de “primeiras horas”, quando as impressões ainda estavam carregadas de enorme assombro e maravilhamento – pelo menos, por aqueles que melhor receberam a obra. Ao lermos os comentários sobre *Grande sertão: veredas* nas edições do *Jornal do Brasil*, enfatizamos a tese de Silviano Santiago, no livro *Genealogia da ferocidade*. Sintonizados com essa crítica feroz e radical do intelectual brasileiro, pudemos revisitar as leituras a respeito desse objeto cultural. Com as imagens ou “figuras retóricas” – “terra”, “rio”, “floresta”, “braços fluviais”, “verde”, “vereda” – por ele interpretadas para expor a narrativa do autor de Cordisburgo, pensamos as imagens não-humanas nos textos publicados no *Jornal do Brasil*. Deixemos, pois, o monstro vociferar, liso e pesado, descentralizador do um, único. Percebe-se que Silviano parece desejar manter vivo o espanto de primeiras horas, haja vista que seu argumento gira em torno da indomesticidade da obra e, com isso, se afasta de qualquer tentativa de domesticá-la pela via ocidentalizante.

Nesse sentido, é importante percebermos nas linhas publicadas por cada colunista do *Jornal do Brasil* – leitores de *Grande sertão: veredas* – elementos fundamentais que ajudaram a formar a recepção dessa estranha obra rosiana. Assim, este estudo ajuda a resgatar essas formulações críticas realizadas no “Suplemento Literário”, refazendo, nesse caso, o caminho da fortuna crítica do romance – antes de despontar em estudos mais robustos da obra –, quando se anuncia, talvez, o seu período “domesticador”. De alguma forma, percebeu-se que as primeiras análises da narrativa rosiana apresentam a “semente” da crítica mais contemporânea da obra, justificada pelas sugestões de uma natureza abundante, forte e até indomada. Para além do estranhamento em torno da ficção, frisamos, neste trabalho, que

a inserção de *Grande sertão: veredas* em termos de análise no contexto jornalístico revela o interesse pelo tratamento da cultura brasileira no seio da sua modernidade.

Referências

ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves (org.). *A imprensa em transição*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13-60.

AGUIAR, Flávio. Ángel Rama e Antonio Candido: de um encontro feliz a uma nova realidade crítica na América Latina. In: AGUIAR, Flávio; RODRIGUES, Joana (org.). *Ángel Rama: um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 33-45.

ATAÍDE, Tristão de. O transrealismo de G.R. In: COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 142-143. (Coleção Fortuna Crítica).

BANDEIRA, Manuel. O Brigadeiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 57, p. 5, 10 mar. 1957. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=71307. Acesso em: 09 maio 2025.

BANDEIRA, Manuel. *Grande sertão: veredas*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 59, p. 5, 13 mar. 1957. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=71429. Acesso em: 10 maio 2025.

BANDEIRA, Manuel. Livros a mancheias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 187, p. 5, 12 ago. 1956. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=64659. Acesso em: 06 maio 2025.

BRASIL, Assis. *Guimarães Rosa: Ensaio*. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1969.

BRASIL, Assis. Guimarães Rosa e a literatura brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 303, p. 2, 30 dez. 1956. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=69090. Acesso em: 06 maio 2025.

BRASIL, Assis. Guimarães Rosa e a literatura brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 2, 6 jan. 1957. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=69276. Acesso em: 09 maio 2025.

BRUNO, Haroldo. Romances e novelas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 303, p. 1, 30 dez. 1956. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=69089. Acesso em: 07 maio 2025.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Grande sertão: veredas* (João Guimarães Rosa). *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 234, p. 45, 13 out. 1956. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=15948>. Acesso em: 10 maio 2025.

CANDIDO, Antonio. O sertão e o mundo. *Diálogo*. Revista de Cultura (número especial sobre Guimarães Rosa), São Paulo, n. 8, p. 5-18, nov. 1957.

CELSO, Maria Eugênia. Notas sociais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 174, p. 8, 28 jul. 1956. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=64192. Acesso em: 06 maio 2025.

COARACY, Vivaldo. “Mesa-redonda” sobre Guimarães Rosa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 205, p. 2, 2 set. 1956. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=65328. Acesso em: 06 maio 2025.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A reforma do *Jornal do Brasil*. In: ABREU, Alzira Alves (org.). *A imprensa em transição*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 141-155.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JORNAL DO BRASIL. Ronda editorial. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 46, p. 2, 26 fev. 1956. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=Jo%C3%A3o%20Guimar%C3%A3es%20Rosa&pagfis=59558. Acesso em: 06 maio 2025.

JORNAL DO BRASIL. Livros Novos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 162, p. 10, 15 jul. 1956. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=63794. Acesso em: 06 maio 2025.

LISPECTOR, Clarice. Literatura de vanguarda no Brasil. In: MONTERO, Teresa; MANZO, Lícia. (org.). *Clarice Lispector e outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 137-171.

MEYER, Mônica. *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MILLIET, Sérgio. “Mesa-redonda” sobre Guimarães Rosa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 205, p. 2, 2 set. 1956. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=65328. Acesso em: 06 maio 2025.

NUNES, Benedito. Primeira notícia sobre “Grande sertão: veredas”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 2, 10 fev. 1957.

Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=70444. Acesso em: 11 maio 2025.

O GLOBO. *Bia Lessa coloca 'Grande sertão: veredas' em perspectiva*. 3 set. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/bia-lessa-coloca-grande-sertao-veredas-em-perspectiva-21779833>. Acesso em: 07 maio 2025.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Trilhas do Grande sertão*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

ROSA, João Guimarães. *Magma*. Rio de Janeiro: Singular Editora e Gráfica, 2012.

SABINO, Fernando. O maior romance brasileiro é o de Guimarães Rosa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 75, p. 2, 31 mar. 1957. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&pagfis=72214. Acesso em: 16 abril 2025.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da ferocidade: ensaio sobre Grande sertão: veredas*. Recife: Cepe, 2017.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e a história da literatura*. São Paulo: Editora Ática, 2009.